

Resenha

BROUSSE, M. H. A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso. In: Latusa Digital, Nº. 38, Setembro/2009.

Claudia Aldigueri Rodriguez

Marie H. Brousse escreveu esse artigo para um evento realizado em Paris, em julho de 2008, a pedido de Jacques-Alain Miller. Nesta resenha, darei prioridade ao texto de sua conferência, em detrimento do debate com participantes do evento.

Brousse inicia seu texto lembrando o percurso de pesquisa de Miller quando, na Convenção de Antibes, em 1998, nomeia os casos raros, mas frequentes, de *psicose ordinária*.

Logo a seguir, Brousse ressalta os três fundamentos que estruturam as teorias freudiana e lacaniana da psicose: a supremacia do simbólico sobre os registros real e imaginário, a *foraclusão* do Nome-do-Pai que gera a falta do significante paterno e a recusa de categorias intermediárias, como *borderline* ou personalidade narcísica, por razões epistemológicas e éticas.

Essa primeira orientação foi modificada pelo que Lacan nos trouxe em seu último ensino – evitar a transformação de uma prática flexível numa *doxa* rígida, observar as mudanças dos sintomas que têm a ver com as mudanças no discurso do mestre ao longo da história e a qualificação do Nome-do-Pai como um sintoma.

A uma mudança do discurso do mestre corresponde uma mudança no simbólico e nos sintomas. Um contexto histórico cultural de mudanças gera novas formas de enlaçamento social. *Psicose ordinária* é um termo que se encontra nesse contexto político e responde a significantes não tradicionais, distintos do Nome-do-Pai. Importante ressaltar que seres falantes organizam-se socialmente pela linguagem que funciona como laço social organizador. Por isso se diz que a relação sexual dos seres falantes é um encontro de fala.

A *psicose ordinária* é algo comum, banal, diretamente vinculada ao momento histórico do discurso do mestre. Lacan fez um movimento do universal da classe completa, por exemplo, do “o homem, a mulher” ao “um homem, uma mulher” (p.6) – um movimento que vai da completude à incompletude e que se generaliza, gerando uma consequência: “a psicose não é mais a única organização psíquica em relação à exceção” (p.6). Se houve um movimento em direção à incompletude, há “o *não-todo* que surge como alternativa ao conceito de *foraclusão*” (p.7). O *não-todo* convida à diversificação das formas de gozo de acordo com os discursos que regem os seres humanos. Tudo isso implica, paradoxalmente, generalização da *foraclusão*.

Se o Nome-do-Pai deixa de ser o organizador primordial, há um deslocamento em direção ao múltiplo, à pluralização dos Nome-do-Pai. Ao invés de um S1, teríamos o seu homofônico *essaim* ou um enxame de significantes como novos organizadores. Se, anteriormente, era o Nome-do-Pai como substituto do Desejo da mãe, que tinha a função de nomeação, Lacan vai redefinir essa função como função do pai nomeador, e, finalmente em 1974, redefine-a, desligando-a do pai. É a mãe que nomeia alguém na contemporaneidade: o que vale é o que as mães querem como nomeação para seus filhos. Cito, como exemplo, Angelina Jolie, ao decidir vestir sua filha de três anos como um *tom-boy*.

Naquele momento, Lacan enfatiza que o Nome-do-Pai é *foraclusão* e “retorna como normas sociais no discurso” (p.10). Brousse tenta explicar essa “intuição fulgurante de Lacan”, pela interpretação de que o significante Um, no nosso discurso do mestre atual, foi substituído por um significante mestre tirânico imposto pela ciência, que é, por exemplo, uma cifra, uma média como a do centro da Curva de Gauss. E essa é a ordem social, o politicamente correto, o embasamento da ordem social, tendo como paradigma a normalidade mediana dessa curva.

Para Lacan, essa “ordem de ferro” (Lacan,[1974]2009, p.10) é bem mais devastadora do que o Nome-do-Pai, pois ela não gera o interdito que dá surgimento ao desejo, mas propicia um gozo ditado pelo “supereu” que responde ao número, à cifra que substitui o não, substituindo, assim, a interdição. Brousse o nomeia de “supereu estatístico” (p.11).

Brousse finaliza seu texto assinalando que a *psicose ordinária*, num mundo no qual “estatísticas assumem valor de certeza” (p.11), é um “comportamento supersocial” (p.11). Ela é a psicose do Outro inexistente, do não há relação sexual. A *psicose ordinária* sente-se confortável com essa inexistência dupla, na qual o que há é o discurso, o semblante, o laço social. Como saída, ela faz um deslocamento do discurso para o número e dá ao semblante valor de real.

Ao final, Brousse ressalta a crença em que a *psicose ordinária* seja uma psicose desencadeada e que a pesquisa concernente a ela está em andamento. Portanto, vale repensar como a *psicose ordinária* se desenvolve e se desdobra em tempos em que “o Pai, a exceção, foi substituído pelo número” (p.12). A autora, sutilmente, sugere um trabalho sobre a evolução da neurose, convidando sua platéia à discussão.